

## ■ RELATOS DE EXPERIÊNCIA

### ■ Desafios e possibilidades: avaliação numa perspectiva inclusiva

 Adriana Souza Santos Vaz\*  
Edilene Nunes Pereira\*\*

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo compartilhar o relato de experiência do trabalho de uma professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), que atua no primeiro ano do ensino fundamental, em uma turma de integração inversa com 17 estudantes e um diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA), buscando descrever as práticas de ensino e métodos de avaliação no contexto das aulas remotas, com ênfase no processo de inclusão, nas barreiras e no progresso alcançado. Com base no laudo e relatório psicológico, anamnese com a família e observação nas aulas presenciais, foi possível fazer os planejamentos e adaptações de currículo, tempo e de estratégias. Avaliação numa perspectiva inclusiva está centrada na aprendizagem do sujeito, é a avaliação que fundamenta, organiza e reorganiza o trabalho pedagógico. Trata-se do olhar individualizado para o sujeito que está no contexto escolar.

**Palavras-chave:** Avaliação. Estudante TEA. Aulas remotas. Trabalho pedagógico.

---

\* Graduada em Letras-Inglês pela Faculdade Jesus Maria José e em Pedagogia pela Faculdade Cerrado. Pós-graduada em: Linguística Aplicada; Psicopedagogia com ênfase no Ensino Especial e Educação Inclusiva. Psicopedagogia Institucional e Clínica. Alfabetização e Letramento e Atendimento Educacional Especializado. Professora da rede pública de Ensino do Distrito Federal.

Contato: drisally@gmail.com

\*\* Graduada em Pedagogia pela Faculdade JK. Pós-Graduada em Psicopedagogia Institucional e Clínica, Gestão e Orientação Educacional. Professora da rede pública de Ensino do Distrito Federal. Contato: edilene27@gmail.com

## Introdução

A avaliação perpassa todos os campos educacionais, sendo um tema muito discutido e estudado. Algumas questões rodeiam as reflexões dos professores e dos gestores, seja avaliação de larga escala ou avaliação diagnóstica. “A avaliação do estudante deve ser uma avaliação centrada na aprendizagem do sujeito.” (SILUK, 2015, p. 29).

Nesse sentido, acreditamos que a avaliação está presente no dia a dia escolar, não somente nos dias marcados para avaliação, como no dia da prova ou no dia do conselho de classe. O professor, na condição de avaliador do processo de aprendizagem, deve conhecer a finalidade de avaliar, para, então, intervir nos pontos de desenvolvimento. E nesse processo avaliativo formativo não podemos deixar de observar e incluir os estudantes com necessidades educacionais especiais (ANEE).

Para que a inclusão possa se efetivar, a base da educação de alunos (ANEE) precisa se construir numa abordagem de trabalho colaborativo, avaliação diagnóstica e intervenções contextualizadas com a realidade. Neste relato, buscamos evidenciar o processo de repensar a avaliação de um estudante do primeiro ano do ensino fundamental e da turma de Integração Inversa composta por 17 estudantes. Considerando as medidas para o enfrentamento da pandemia causada pelo novo Coronavírus (COVID-19) foi decretado a suspensão das aulas presenciais, ficamos em um estado de medo e pensando “Precisamos fazer algo; não sabemos ainda por onde começar, mas temos que fazer algo”. E foi com essa instigação que começamos a pensar em possibilidades para o ensino, pois sabíamos a importância do papel social da escola, sobretudo para os estudantes autistas.

A escola não pode estar desvinculada da vida, do mundo que a rodeia; ainda mais nesse contexto pandêmico, precisa estar em sintonia com a comunidade e com o tempo em que vive. É na escola que aprendemos a refletir; relacionar dados, informações e ideias; construir conhecimento e também se relacionar. A escola é um ambiente propício para nos socializar e aprender. Nesse sentido, avaliar pode ser uma prática de sucesso, mas também de fracasso; conduzir a resultados significativos ou a respostas decoradas, defender ou ameaçar; aprovar ou reprovar. Assim, essas questões que envolvem a avaliação permeiam tanto os estudantes e seus familiares quanto os professores também. É neste contexto que se intensificam as discussões a respeito da avaliação da aprendizagem como elemento didático necessário e permanente do contexto escolar. O presente trabalho trata-se de um relato de experiência de uma

professora do primeiro ano do Ensino Fundamental. A metodologia utilizada no relato tem caráter descritivo/narrativo das ações realizadas pela professora.

## Objetivo Geral

Compartilhar o relato de experiência do trabalho de uma professora em uma escola da rede pública de ensino com um aluno diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e descrever as práticas de ensino e métodos de avaliação no contexto das aulas remotas, com ênfase no processo de inclusão, nas barreiras e no progresso alcançado.

## Objetivos Específicos

Retratar as peculiaridades do processo de ensino/aprendizagem com esse estudante, mediante utilização de métodos de ensino que ofereçam confiança e autonomia a criança, facilitando seu desenvolvimento.

Demonstrar os recursos utilizados, estratégias adotadas no ambiente virtual plataforma Escola em Casa DF e procedimentos para avaliar o estudante durante as aulas remotas.

## Um breve histórico

Iniciamos as atividades do ano letivo de 2020 com muitas expectativas e planejamentos, pois esse seria o primeiro ano em que iríamos receber um novo estudante, com previsão na estratégia de matrícula e conhecemos ele apenas por relatórios. Os primeiros dias de aula foram de adaptação para os estudantes e para a professora também, uma transição da educação infantil para o 1º ano. Tivemos exatos 20 dias de aula presencial, tempo necessário para fazer avaliação diagnóstica, conhecer os estudantes, construir as regras de convivência e fazer todo trabalho de acolhimento para início de ano letivo. Os trabalhos mal tinham sido iniciados, e fomos surpreendidas com a interrupção das aulas presenciais. A pandemia da Covid-19, que surgiu no final de 2019 e início de 2020, chegou em Brasília no início de março; dessa maneira, todos tivemos nossas rotinas modificadas, diante da problemática do isolamento social.

A partir de um breve histórico baseado no laudo, no relatório psicológico, na anamnese familiar e na observação nas aulas presenciais, levantamos os seguintes dados:

O estudante tem 6 anos de idade e iniciou seu percurso de escolarização aos 3 anos de idade. Frequentou o maternal, primeiro período e segundo período em uma escola particular. É o primeiro ano que frequenta uma turma de Integração Inversa (17 alunos). Devido

à especificidade da turma, o estudante tem direito de ter um educador social voluntário para acompanhá-lo sempre sob a supervisão da professora regente.

Nas aulas presenciais, apresentou resistência em se expressar com pessoas estranhas do seu convívio. Insериu-se em um grupo restrito de amigos e, na hora do recreio, costumava ficar em lugares mais afastados e com menos movimento.

Apresentou baixa resistência a frustração e constante inquietação, movimentando as mãos e a cabeça constantemente. Não demonstrou grandes dificuldades em seguir regras e aceitar comandos. Demonstrou insegurança na realização de algumas atividades, principalmente escritas e longas.

Mediante as observações acima e dados coletados, foram feitas as seguintes intervenções:

- Modificação e disposição das carteiras em sala de aula para agrupamento que contribuem para maior interação entre o aluno, colegas mais próximos, professor e colaborador Educador Social Voluntário (ESV).
- Organização da sala de modo que o estudante se sentasse próximo ao docente para facilitar o atendimento/orientação mais individualizada.
- Disponibilização de recursos didáticos em local do alcance do aluno para facilitar o acesso/aprendizado.
- Descrição da rotina diária contendo as tarefas a serem realizadas: rodinha, leitura deleite, músicas coreografadas, atividade escrita/jogos, ida ao banheiro, lanche, recreio, relaxamento, atividade.
- Aplicação de atividades curtas, contendo enunciados precisos, com alternância dos temas trabalhados de acordo com seus interesses e potencialidades.

#### As aulas remotas

Como medida de enfrentamento à pandemia do novo coronavírus e o consequente fechamento das unidades escolares determinado por decretos, a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal optou por estratégias alternativas de ensino. Dessa forma, desde o dia 13 de julho de 2020, as aulas passaram a ocorrer na modalidade de ensino remoto com atividades diárias, de segunda a sexta, na Plataforma Google Sala de Aula. Em meio a essa realidade, o primeiro passo foi realizar uma videochamada com o aluno via WhatsApp para um bate papo descontraído a fim de levantar aspectos da vida do aluno fora da escola. Essa medida teve o intuito de, sob a visão do estudante, detectar suas expectativas em relação às aulas remotas e conhecer contextos semânticos de seu interesse, para, assim, nortearmos o trabalho nas aulas via Google Meet e nas atividades

postadas na plataforma Escola em Casa-DF.

No decorrer da conversa, notou-se que o aluno demonstrou um grande interesse em participar das aulas on-line, visto que aprecia assistir a vídeos no YouTube, bem como jogos interativos eletrônicos. Mediante os dados coletados, foram adotados os seguintes procedimentos:

- Primeiramente, a família do estudante foi orientada a disponibilizar um local adequado e tranquilo, sem barulhos que pudessem dispersá-lo ou prejudicar sua concentração, determinando um lugar fixo, se possível iluminado e ventilado, de preferência numa mesa com cadeira. A família também foi orientada a organizar previamente os materiais que seriam utilizados nas aulas realizadas na plataforma e por videochamada via Google Meet, bem como a estar ao lado da criança para auxiliá-lo na realização das atividades.
- Outra medida adotada foi a disponibilização de kits contendo materiais impressos voltados para o nível de aprendizagem do estudante; esses materiais foram sendo adaptados conforme os seus avanços e necessidades. Entre os materiais, podem ser citados: cadernos de atividades para alfabetização (com temáticas enquadradas dentro do interesse do estudante); histórias; jogos (trilha do alfabeto e números, bingo de letras e números, etiquetas de palavras, dados, etc); alfabeto móvel com letras em EVA e em papel; materiais concretos para contagem como palitos de picolé e dinheirinho sem valor; materiais para aulas de artes como massinha de modelar; tinta guache; pincel para pintura; cola colorida.

#### Aulas via Google Meet e atividades na plataforma Escola em Casa-DF

As aulas via Google Meet foram realizadas em grupos e em pares, com definição de temas e grupos semânticos inseridos em um contexto significativo para o aluno. Nas aulas via Google Meet, iniciamos os trabalhos com situações didáticas envolvendo o nome do aluno e dos seus colegas da turma como bingo de letras, bingo de palavras, jogo da batalha. Além disso, trabalhos com os crachás: quebra-cabeça e apresentações do nome próprio descritos de diversas maneiras.

Durante a realização das atividades, foram nítidos o interesse e a empolgação do aluno. Notava-se o avanço gradativo do aluno no reconhecimento e identificação dos nomes dos colegas.

Em seguida, partimos para o trabalho com os contextos semânticos, abordando temas de interesse como animais, minecraft e dinossauros, fazendo alternância

de atividades com palavras, letras e texto. No decorrer das aulas, realizamos os seguintes jogos: a) jogos de ordem e correspondência<sup>1</sup> (jogo da batalha, jogo da roleta e jogo da memória e jogo do bate-bate); e b) jogo de classificação<sup>2</sup> (jogo do quarteto e jogo do lince).

Antes de iniciar qualquer jogo, eram explicados seu objetivo e suas regras. Tais jogos eram aplicados por meio de atividades interativas na plataforma com o aplicativo Wordwall e pelo Google Forms. Também foram gravados vídeos e disponibilizados na plataforma, demonstrando como jogar com seus familiares; esses jogos foram aplicados nas aulas mediadas via Google Meet. Sobre a atuação do professor no desenvolvimento do jogo, sabemos que é primordial que ele possa acompanhar, avaliar, incentivar a participação de todos, fazer o registro do desempenho dos alunos, fornecer pistas e realizar a mediação imprescindível dos conflitos. (BONTEMPO; VIANNA, 2003).

Durante a execução das atividades, foram notados avanços gradativos e significativos do estudante, em aspectos cognitivos e sociais. Vale salientar que, no

decorrer das aulas, foram realizados 3 testes da psicogênese<sup>3</sup>. O aluno iniciou no nível pré-silábico<sup>4</sup> e finalizou no nível alfabético<sup>5</sup>. Assim, são notórios os avanços alcançados.

### Considerações Finais

O desafio de avaliar em tempos de pandemia foi lançado; o desafio torna-se maior quando se busca avaliar estudantes que apresentam Transtorno do Espectro Autista (TEA), sabendo da importância da escola e o papel do professor, que é superar os desafios propostos, favorecendo a aquisição de conhecimento e proporcionando a mediação embasada em uma prática pedagógica transformadora. O professor que busca alternativas diversificadas para trabalhar apresenta um olhar sensível às adversidades e apresenta um ensino de qualidade, avaliando e propondo alternativas para que a aprendizagem aconteça.

### Notas

<sup>1</sup>Os atributos tradicionais utilizados na escola para seriar são: pelo tamanho, cor, peso, espessura, textura, largura. Do menor para o maior, do mais grosso para o mais fino, são exemplos de seriação” (BONTEMPO; VIANNA, 2003, p.32).

<sup>2</sup> -“As classificações típicas do trabalho com as crianças seguem critérios como classificar pela cor, tamanho, forma, tipo material [...], para que serve” (BONTEMPO; VIANNA, 2003, p.32)

<sup>3</sup> Teste para avaliar o desenvolvimento da leitura-escrita.

<sup>4</sup> Nível Pré-silábico: as crianças estabelecem distinção entre o modo de representação icônico e não icônico, apreendendo a função simbólica da escrita. (MONTEIRO; MARTINS, 2020).

<sup>5</sup> Nível Alfabético: a criança demonstra ter compreendido a relação fonema-grafema e centra sua atenção na análise dos fonemas na pronúncia das palavras, quando está produzindo suas escritas.

### Referências

ANDRADE, Paulo Estevão; ANDRADE, Olga Valéria Campana dos Anjos; PRADO, Paulo Sérgio T. do. Psicogênese da língua escrita: uma análise necessária. Cad. Pesqui., São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1416-1439, Dec. 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100=15742017000401416-&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100=15742017000401416-&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 18 jan. 2021.

BONTEMPO, L.; VIANNA, Z. O Construtivismo com Sucesso na Sala de Aula. Contagem: Oficina Editorial, 2003.

GROSSI, Esther Pillar. Didática da Alfabetização/ Didática do Nível Pré-Silábico – v.1 – Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

MONTEIRO, Sara Mourão; MARTINS, Margarida Alves. Relação entre níveis conceituais de escrita e estratégias de reconhecimento de palavras. Educ. rev., Belo Horizonte, v. 36, e227793, 2020. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982020000100702&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982020000100702&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 18 de jan. 2021.

SILUK, Ana Cláudia Pavão; PAVÃO, Sílvia Maria de Oliveira (org.). Avaliação: reflexões sobre o processo avaliativo no Atendimento Educacional Especializado. Santa Maria: UFSM, 2015.